

O encontro de um homem e uma mulher

# Sublimidade

[Por que mulher foi feita para ficar em casa?]

**Frank Ribeiro**



Itapira, SP - 2015

*À todas as mulheres, e a todos os homens...  
cada um à sua maneira!*

*À Suely Ribeiro, na sua forma sublime humana, às vezes, demasiadamente!  
Mas, só assim, demasiadamente humana, para me suportar.*

# SUMÁRIO

QUIÇÁ, UMA INTRODUÇÃO ..... 11

## **CAPÍTULO I**

NA POLIFONIA DA CRIAÇÃO - A MULHER É O  
CONSCIENTE DO INCONSCIENTE DO HOMEM.. 15

O homem: Agente divino da Ordem e da Lei.....	16
O homem: Por que foi criado?.....	20
Criatura Inteligente e o Ato da Nomeação .....	22
Entendendo a Lei e a Ordem.....	24
Uma criatura incompleta e impessoal .....	27
A mulher: o consciente do inconsciente do homem.....	29
Da polifonia ao Silêncio.....	30
Enquanto ele dorme, ela vem .....	31
A Costela: estenografia e criptografia .....	37
O retorno ao percebido .....	39
Ele sexo, ela sexualidade .....	41
Uma reflexão: o pesado sono, sexo, sexualidade e descendência: o caso Abraão.....	44
Delírios da ausência: Uma reflexão .....	48

## **CAPÍTULO II**

### **CAMINHOS SEM VESTÍGIOS - A PERFEIÇÃO**

**NO QUE FOR POSSÍVEL DO IMPERFEITO..... 55**

A perfeição no que for possível do imperfeito: quando há cumplicidade, e não mera hospedagem .....	56
A perfeição no que for possível do imperfeito: casamento sustentável .....	58
Ecologicamente correto .....	59
Economicamente viável .....	60
Socialmente justo .....	61
Culturalmente diverso .....	62
Espiritualmente humano.....	64
O que for possível do imperfeito: três maravilhas e um mistério.....	65
Casamento como lugar sem vestígio.....	68
Vestígio e Comportamento.....	72

## **CAPÍTULO III**

### **PORQUE ALI TE DAREI O MEU AMOR - O TEU**

**CHEIRO ME SEDUZ, A TUA VOZ ME ATRAI..... 77**

Casamento é um permanente namoro: como nardo derramado.....	80
Casamento é o lugar da sublimação: enlevaste-me o coração com um dos teus olhares .....	85
Casamento é o lugar de expressão litúrgica: O Corpo .....	89
Casamento é o lugar de apoteose: porque ali te darei o meu amor. ....	91

O Convite e o convencimento .....	96
A fantasia e o direcionamento.....	97
Os órgãos do sentido.....	99
Ato como apoteose da relação conjugal.....	101

## **CAPÍTULO IV**

PORQUE FOI FEITA PARA FICAR EM CASA - O SEU VALOR EXCEDE DO RUBI .....	105
---	-----

O lugar bíblico da afirmação .....	107
Mulher foi feita para ficar em casa porque justifica a criação do homem .....	110
Mulher foi feita para ficar em casa porque é adjutora e idônea .....	112
Mulher foi feita para ficar em casa, porque é Osso .....	117
Mulher foi feita para ficar em casa, porque nela sexo é sexualidade .....	119

QUIÇÁ, UMA CONCLUSÃO .....	127
----------------------------	-----

Sobre o Autor .....	129
---------------------	-----



## QUIÇÁ, UMA INTRODUÇÃO

Este opúsculo é uma reflexão sobre relacionamento conjugal. Todo relacionamento, em certo sentido e, por assim dizer, o casamento, em grande medida, é uma idealização. Isto é absolutamente natural; é natural que as pessoas pensem de forma positiva e que desejem que as coisas se realizem da melhor forma possível. Afinal o ser humano é um ser que se projeta a partir do seu imaginário.

Mas, como se sabe, nem sempre, as idealizações se concretizam, especialmente em processos relacionais. Casamento não foge à regra, mesmo que, neste particular, os processos de idealização sejam intermediados pela afetividade sobre a qual o relacionamento é projetado. Mas, mesmo assim, o casamento, de quem quer que seja, é um contrato de risco.

E como sabemos, os processos de idealização relacionados ao casamento têm como elemento catalizador o desejo do

casamento perfeito. Portanto, pensando nisto, todo texto do livro é perpassado pelo argumento que não existe casamento perfeito, mas casamentos funcionais e disfuncionais, embora o livro não descreva, pontualmente, qual a característica do casamento funcional e do disfuncional, porquanto não é este o foco do livro. O foco do livro é pensar a **Sublimidade: O encontro de um Homem com uma Mulher**, e fazer a provocação no sentido de dizer que a *mulher foi feita para ficar em casa*.

O relato da criação do ser humano, no texto de Gênesis aparece em dois momentos. Lendo os dois momentos, o leitor desatento, pode dizer que há um anacronismo. Só que o texto bíblico não foi escrito na sucessão dos acontecimentos; como texto, é um texto que tem a sua estilística, e assim, coube ao autor fazer a disposição da narrativa como melhor lhe pareceu. Desta forma, sou do ponto de vista, que o relato presente em Gênesis 1:26,27, o primeiro momento, é descritivo, e mostra a dimensão de unicidade da espécie e a diversidade de função: são seres humanos, com funções diferentes: macho e fêmea, homem e mulher.

O segundo relato, Gênesis 2:21,22, é explicativo, onde vai mostrar a dimensão da especificidade, no contexto da função. Assim, a descrição da criação em Gênesis 1:26,27, é exposta como sendo uma descrição que caracteriza: “*Deus, portanto, criou os seres humanos à sua imagem, à imagem de Deus os criou: macho e fêmea os criou*” (Gênesis 1:27). Três questões: 1) ecologicamente, homem e mulher são criados como sendo essencialmente iguais: *seres humanos*, tem-se aqui o sentido antropológico; 2) corporalmente são identificados como sendo espiritualmente projetados ao mundo da mesma fonte: *imagem e semelhança de Deus*, tem-se aqui o sentido teológico; 3) biologicamente, ma-





# 1

## NA POLIFONIA DA CRIAÇÃO

[A mulher é o consciente do inconsciente do homem]

A Teologia Bíblica da Criação é um dos pontos com menor índice de produção literária no contexto geral do fazer teológico, quer entre os teólogos católicos, quer entre os protestantes, considerando outros temas bíblicos, como namoro, noivado e casamento, missões, liderança, os temas de Teologia Sistemática, enfim; até mesmo dentro da Teologia Sistemática, a Teologia da Criação é pouco explorada, uma vez que, da Bibliologia à Escatologia, este é um assunto que perpassa por toda Teologia Sistemática. Mesmo sendo um assunto com uma lacuna considerável, oferecendo oportunidade para uma reflexão acurada, não tenho qualquer intensão de comentar o tema deste capítulo sobre a perspectiva da Teologia da Criação propriamente dita. Como dito na nossa breve introdução, este livro é uma reflexão devocional sobre relacionamento conjugal, na sua forma descritiva, e não prescritiva.

possível perguntar: “*o que eu significo para você?*”<sup>14</sup>. E, num relacionamento conjugal, na dimensão do desgaste, o que leva uma pessoa a fazer esta pergunta? Não é um tipo de solidão? Um tipo de abandono? Certamente! Pergunte a homens e mulheres que já fizeram esta pergunta, e a resposta estará neste sentido: “*me sentia só, abandonado (a)*”. Eis aí uma criatura incompleta e impessoal; é uma incompletude e uma impessoalidade tanto por recepção como por ação.

Por conta disto, o *incompleto e o inacabado*, no âmbito deste agente da Ordem e da Lei, é que este homem pode perceber as condições de ser dependente, e, portanto, ser para o outro, que deve agir a partir deste primado. Assim, falando especificamente do Agente da Ordem e da Lei do lugar funcional e do gênero, pode-se afirmar que não é um agenciamento para a opressão, pelo contrário, é colocar-se na posição de ser dependente, de ser em solidão, e, por assim dizer, de ser em delírios pela ausência dela. Todavia, o não reconhecimento desta posição do Agente da Ordem e da Lei, e, neste caso, dentro da dinâmica do relacionamento conjugal, leva os atores para as zonas de conflitos, e assim, podem chegar ao rompimento absoluto.

## **A MULHER: O CONSCIENTE DO INCONSCIENTE DO HOMEM**

Pretendo dizer, a partir de uma certa ousadia da minha “*desinformação global*”, que esta é, em certo sentido, uma contribuição original à Teologia da Criação: *A mulher ser o consciente do inconsciente do homem*, no âmbito do relacionamento conjugal.

A academia atribuiu a Sigmund Freud (1856-1939) a descoberta do inconsciente! Este pendão se faz pelo fato (e isto é inegável) de

---

14 Não se pode fazer esta pergunta a uma vaca, a uma anta, a uma burra, a uma cachorra.

pacidade de ler este dizer ou desdizer do silêncio. Portanto, é a partir deste olhar simbólico entre a polifonia da criação dele ao silêncio da criação dela, que penso ter-se aí a necessidade dele em perceber-se a Si-Mesmo na expressão do coespecífico. Disse Deus: “*Silêncio, vou criar a mulher*”.

### **Enquanto ele dorme, ela vem**

Uma das grandes, senão a principal referência semiótica na criação de Eva é o fato dela não “nascer”, mas ser moldada, ser feita, ser formada a partir do “ser já existente”. Ela já vem com o “*fôlego da vida*”, não foi preciso receber este sopro, pois, recebe por extensão o que já existia nele. Isto é extremamente significativo, e é de suma importância que as fêmeas percebam bem esta verdade espiritual. Fugir destas verdades é quebrar um princípio existencial.

A fêmea vem para estabelecer sentido, para confirmar significados. Ora, pois, se as fêmeas bem soubessem faziam uso de forma sábia desta dimensão de autoridade e poder. Em Adão tem-se a dimensão referencial da Ordem e da Lei, em Eva tem-se a dimensão de autenticidade destas. Adão assina, Eva é quem diz se esta assinatura é autêntica. O filho é de quem diz a mãe ser; se a mãe diz não ser, mesmo que “*tenha a cara do pai*”, não será<sup>16</sup>. Eis o sentido no “enquanto ele dorme, ela vem”.

Mas, como se sabe, não há como confirmar autenticidade sem a assinatura, todavia, ainda assim, a assinatura pode circular sem que seja autenticada. No entanto, a importância da au-

---

16 Num caso em que a mãe diz não ser o filho, filho do pai, e que mesmo assim, seja confirmado pelo exame de DNA que o filho é filho do pai, ainda assim, a dimensão simbólica estará comprometida, porque é no dizer da mãe que o filho é filho do pai, onde a dimensão simbólica se estrutura.

tenticidade se faz pelo fato de dar à assinatura o seu valor legal; tem-se aí a confirmação da veracidade, com isto, afirma-se uma autoria como genuína. Eva é o carimbo da Ordem e da Lei. Eis o sentido no “enquanto ele dorme, ela vem”.

No contexto da relação conjugal – *no enquanto ele dorme ela vem* - só a mulher pode dizer se estas “assinaturas” são autênticas ou não. Por isto, “*toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derruba-a com as suas mãos*” (Provérbios 14:1). E pense “assinaturas” como sendo o conjunto de todos os eventos que se possa imaginar no contexto do relacionamento conjugal: desde eventos como broncas por causa de toalhas molhadas deixadas no sofá, tampa de vaso sanitário xixada ou que ficou aberta, até decisões mais delicadas como mudar de cidade ou até mesmo de país. É ela quem estabelece sentido.

Em termos práticos, como funciona a mulher como o consciente do inconsciente do homem? As mulheres impõem autenticidade à assinatura neste “nacer dela” em contraposição ao “dormir dele”. Se uma mulher diz: “rapazzzz...hum, rum.. um...”, obedeça! Porque, fazer qualquer coisa no sentido contrário desta autenticidade, é fazer uma declaração pública de “falsificação”, ou seja, dará errado.

O casal, depois de alguns anos guardando um dinheiro na conta poupança, chega o tão sonhado dia de comprar o carro. Compram um carro seminovo, com apenas uns três anos a menos do que o ano em curso. Um carro muito bom, de um único dono, uma senhora aposentada.

Passados alguns meses depois da compra, o maridão chega em casa eufórico. Ela está na cozinha, preparando um lanche para o marido, depois de um dia de trabalho!

- Bem, lembra do Juvenal, aquele que morava aqui na rua, quase lá no final?

- Sim, lembro! O que que tem!

Este “o que que tem”, já é o primeiro sinal de busca no sentido de verificar a autenticidade da assinatura.

- Então...- diz o maridão, como que querendo preparar o terreno para comunicar o grande achado.

- Então, o quê?

Este “*então, o quê?*” é o segundo sinal de busca no sentido de verificar a autenticidade da assinatura.

Há um silêncio...é a esposa buscando sinais de autenticidade na tentativa de firmar uma assinatura! Mas o marido não quer perder a oportunidade de falar sobre o que ele praticamente já definiu (e se comprometeu), e assim, mantém o tom amistoso.

- Bem! - exclama o marido, e continua - encontrei-o hoje na hora do almoço, conversamos um pouco e terminamos falando de carro!

- É natural!

A esposa interrompeu com um tipo de ironia que busca sentir até que ponto a continuidade do relato tinha consistência. Mas o marido estava decidido a ir em frente!

- Amor, ele tem um carro da mesma marca que o nosso, e, melhor, dois anos mais novo, ou seja, é um carro do ano passado! Praticamente novinho! Ele comprou da mão de um representante comercial!

- Entendo!

- Sério, amor! O carro é cor prata, uma cor supervalorizada, em comparação ao nosso vermelho!

A esposa tem a atenção voltada para as palavras do marido e já apresentando um certo grau de preocupação, diz:

- Interessante! Numa conversa de meia hora, o Juvenal já conseguiu te convencer que o nosso carro não presta e o dele é melhor! Meu Deus, sei não!

### **Ele sexo, ela sexualidade**

Para que servia o pênis de Adão antes de Eva chegar? Só servia para o biológico primário: fazer xixi. Em termo práticos, não tinha outra função senão esta: fazer xixi. Em Eva, o sexo de Adão assume estatuto de sexualidade; dizendo de forma diferente: É Eva que dá sentido de sexualidade ao sexo de Adão. Nela, o sexo assume o sentido de sexualidade. Antes de Eva, Adão percebia o sexo apenas na sua função biológica a partir do mundo dos animais, que eram diferentes de Si. Assim, ele não via a sexualidade, via apenas o instinto dos animais.

Como dito antes, é através da percepção do outro, o outro diferente de Si na coespecificidade, onde a conjugalidade se torna possível e, por assim dizer, onde a sexualidade vai se evidenciar, indo além do sexo. O sexo se estrutura pela dinâmica da constituição biológica, a sexualidade incorpora em si a dimensão do sexo, o que se refere ao biológico, mas assume estatuto simbólico, por isto, entre outras coisas, é que entre os humanos “fazer sexo” deve estabelecer algum tipo de sentido. Assim, é a sexualidade que atribui sentido interpretativo ao sexo. Em Eva, Adão percebe o sentido de sexo, tendo a sua sexualidade evidenciada, e por esta via, terá como perpetuar a sua espécie.

Com a sexualidade evidenciada, o seu movimento simbólico fará que a função biológica assuma significados que vão além da reprodutividade. Isto significa dizer que o sexo se sustenta na perpetuação da espécie, seja ela qual for, já a sexualidade se sustenta na significação da espécie, e neste caso, na humana. Assim, por exemplo, na transmissão geracional, na imputação do nome e sentido de família, situa a sexualidade na dimensão simbólica, que faz do humano um animal que se di-

ferencia dos demais por atribuir sentido ao sexo, fazendo com que este seja entendido para além do coito, quando se deixa enredar na dinâmica da sexualidade.

Embora o ritual da conquista esteja presente em praticamente todas as espécies, é na humana onde este tem elementos únicos, fundamentalmente, a linguagem. É por meio da linguagem, na relação direta com o simbolismo, que o ritual da conquista faz do sexo, com sexualidade, o elemento essencial no processo do relacionamento conjugal. É aqui onde “*o que eu significo para você*” tem a sua dimensão mais expressiva; não que o sexo, e por conseguinte, a sexualidade, sejam “o todo sumo” da vida humana, mas porque é no sexo e na sexualidade, no âmbito do relacionamento conjugal, que ele - “*o que eu significo para você*” - se amplifica e toma o seu sentido mais qualificativo. Isto porque, é só por meio da linguagem que o simbólico, e neste caso, entre os humanos, pode se expressar em verbal e não verbal, tendo no corpo uma meta expressão<sup>20</sup> da afetividade. Entre os humanos, no ato sexual, o corpo assume estatuto estético, indo além do instituído como entre os animais não humanos, sustentando aí elementos da fantasia, inclusive com dimensões que se situam entre o normal e o patológico.

Portanto, a fantasia sobressai no relacionamento humano, e neste sentido, o conjugal, na expressão do sexo e da sexualidade! Os animais não humanos, mesmo havendo aí um ritual de conquista, as ações são conduzidas exclusivamente pelo instinto, não há aí o elemento simbólico, sustentado pela linguagem. Em contrapartida, com o animal humano o simbólico que se

---

20 Estou com o projeto editorial “Porque as pessoas falam quando fazem sexo”. Veja as minhas atualizações editoriais em [www.frankribeiro.com.br](http://www.frankribeiro.com.br) ou na loja virtual [www.e-fator7.com.br](http://www.e-fator7.com.br)

sustenta pela linguagem introduz aí a *fantasia*. Desta forma, a fantasia não é, necessariamente, elemento do sexo, mas da sexualidade na sua expressão simbólica. E o que é a exclamação “*carne da minha carne, osso dos meus ossos*”, senão, uma expressão de fantasia? Isto porque, o que penso por fantasia aqui não é uma fuga da realidade, mas, pelo contrário, é tomar a realidade por via da expressão da linguagem e imergi-la na fantasia. A junção destes elementos – simbólico e fantasia – sustentados pela linguagem, fazem da sexualidade a razão de ser do sexo.

Assim, Adão ao olhar para Eva, e nela poder contemplar a “*carne da minha carne*”, e o “*osso dos meus ossos*”, nos remete para o que Paulo afirma em 1 Coríntios 7:4: “*A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido; e também da mesma sorte o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher*”. O que há de mais simbólico e também o uso da fantasia, se não, alguém dizer: “*O meu corpo é teu, meu amor*”. Tem-se aí o sexo na sua forma sublime de sexualidade: corpo, linguagem e simbólico. Encontramos no livro de Cantares de Salomão um rico material que nos permite pensar estas três dimensões (corpo, linguagem e simbólico) na expressão do sexo e a sexualidade na dinâmica do relacionamento conjugal. A riqueza do livro de Cantares de Salomão tem na expressão estética e poética o adorno do simbólico e da linguagem. O que, em suma, é caracterizado na expressão: “*Eu sou do meu amado e meu amado é meu*”. Desta forma, esta expressão – no estético e no poético – enquanto expressão de linguagem, pode se expressar verbal quanto não verbal. Assim, o sexo se sustenta na sexualidade. O sexo é um caminho, a sexualidade são as placas de sinalização, assim, a sexualidade indica onde o sexo vai chegar ou não. Neste sentido, os parceiros, andantes do caminho, precisam saber fazer a leitura nas placas.





## 2

# CAMINHOS SEM VESTÍGIOS

[A perfeição no que for possível do imperfeito]

O ser humano é, por natureza, um ser ideário. Podemos dizer que, em certo sentido, tudo que o ser humano faz traz no seu bojo aspectos de idealização. E não é diferente com o casamento. Todo casamento, a rigor, é um contrato intermediado pela idealização<sup>24</sup>, e neste caso, é pensar o casamento como “a síntese de tudo a que aspiramos, de toda a perfeição que concebemos ou se pode conceber”<sup>25</sup>, e isto é simplesmente impossível, em relação ao casamento. Não existe casamento perfeito. Existem apenas casamentos funcionais. E o casamento funcio-

---

24 Este assunto será tratado, a partir de um referencial semiótico, no livro “*Casamento [deveria ser como] flor de cactus – brota e cresce entre espinhos, sobrevive a aridez e não perde a beleza*”. Este livro está no prelo. Acompanhe as minhas atualizações editoriais no meu site [www.frankribeiro.com.br](http://www.frankribeiro.com.br) ou visite a nossa loja virtual: [www.e-fator7.com.br](http://www.e-fator7.com.br)

25 **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 6.0.** ©2009 by Regis Ltda. Verbete ideal.

nal é aquele que, fazendo uso da sua imperfeição, consegue fazer o manejo consciente das demandas, que são inevitáveis, que surgem no dia a dia da vida conjugal. Querer que um dos cônjuges apenas “adapte-se” ao jeito de ser do outro é pedir a morte da relação.

### **A PERFEIÇÃO NO QUE FOR POSSÍVEL DO IMPERFEITO: QUANDO HÁ CUMPLICIDADE, E NÃO MERA HOSPEDAGEM**

Não existe relação quando a convivência é por mera “hospedagem”. E esta “hospedagem” pode ter dois sentidos. Primeiro, é o sentido parasitário, quando o hospedeiro na condição de organismo ambiental, abriga outro em seu interior ou o carrega sobre si; e neste caso, o parasita é um “organismo que, pelo menos em uma fase de seu desenvolvimento, se encontra ligado à superfície ou ao interior de outro organismo, dito hospedeiro, do qual obtém a totalidade ou parte de seus nutrientes”<sup>26</sup>. No parasitismo não existe relacionamento entre os organismos, visto que o parasita não oferece ao hospedeiro nenhum benefício, apenas suga-lhe. E no mundo do parasitismo, a rigor, observa-se duas dimensões: a botânica e zoológica. O parasitismo observado nas plantas, no início, parece até bonitinho: aquela plantinha nascendo lá em cima, na copa da árvore, mas, em muitos casos, com o passar dos anos, ela cresce, vai envolvendo, chegando ao extremo de matar completamente a planta hospedeira. Já no parasitismo zoológico, em grande medida, é mais asqueroso; no caso dos piolhos, por exemplo, o efeito no hospedeiro pode ser mínimo, sem afetar

---

26 **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 6.0.** ©2009 by Regis Ltda. Verbetes parasito.



# 3

## PORQUE ALI TE DAREI O MEU AMOR

[O teu cheiro me seduz, a tua voz me atrai]

O que é o amor? O amor é o amar, como já diz o poeta popular que “o sinônimo do amor é amar”<sup>39</sup>. Mas o amor, na sua imensurável e infinda forma de ser falado, poetizado, estetizado, declamado, encenado, enfim... este só é possível se for existencializado, e para isto, não pode ser amor, tem que ser amar. Amar é ato corporal, que estabelece sentido ao que é dito, ao que é falado, ao que é poetizado. Se o corpo se ausenta deste dizer, não é amar, em última análise, no casamento, é uma convivência por conveniência.

Quando Eva surge, linda, nua, mulher... Adão olha o essencial de si: “*osso dos meus ossos, e carne da minha carne*” (Gênesis 2:23). Já ali, imediatamente, o casamento assume no amar o seu sentido absoluto: *comportamento*. Eva comporta-se em Adão, e

---

39 Sinônimos, de Zé Ramalho.

Adão comporta-se em Eva. Comportamento, como dimensão essencial do amar, vai além do proceder ou *portar-se*, dado que implica também *compreender em si*. O casamento só se sustenta se os cônjuges assumirem o amar como comportamento, tanto no portar-se como no compreender em si. Portanto, o portar-se e o *compreender em si*, é tudo aquilo que se revela em visibilidade, em dizer, em expressar-se, portanto, em ato. Amar é fazer, além de sofrer.

Amar é comportamento. Amiúde, amar é comportamento. A única coisa que justifica pensar o amar como sentimento é a sua expressão poética. Mas, a expressão poética é uma apreensão do mundo visível. O poeta pode até dizer que sente a inspiração, mas, antes ele viu o seu objeto inspirador. Destarte, na expressão prática, o amar é fundamentalmente comportamento. Pode se pensar o amor, enquanto percepção abstrata, como sentimento, como um “sentir” internalizado, todavia, enquanto expressão prática, enquanto vivência, só pode se justificar se for ação, se for ato, portanto, amar. Por isto, amor é substantivo, e amar é verbo. Em um dos textos bíblicos mais conhecidos, João 3:16, a subjetividade do dizer (“Deus amou o mundo de tal maneira...”) é imediatamente deslocada da substantivação, para a dinâmica da atividade verbal: “...que deu...”.

Amar não é genético! Nós não temos o gene do amar, pois amar é uma construção! Amar se aprende! Por isto, tanto podemos amar como deixar de amar uma pessoa, e neste sentido, diz o poeta que “no aroma de amores pode haver espinhos”, e mais:

*Quanto tempo o coração leva pra saber  
Que o sinônimo de amar é sofrer*

O elemento essencial do livro de Cantares é a expressão “*eu sou do meu amado e meu amado é meu*”. Esta expressão perpassa o namoro e o noivado, fixando-se no casamento. Desta forma, o meu olhar sobre o texto será global, fazendo uma leitura da narrativa do texto enquanto texto. Sou do ponto de vista que o “namoro” e “noiva”, no contexto da narrativa textual, são recursos de estilística<sup>41</sup>; o texto fala de uma história, de um amor marital, um relacionamento conjugal. Portando, “namoro” e “noiva” são memórias narrativas no contexto geral do enredo que acontece na cena da vida conjugal. Por isto, não entendo que “namoro” e “noiva”, no contexto geral do texto, sejam etapas sucessivas à própria escrita de texto. De forma alguma. Repito: “são memórias narrativas no contexto geral do enredo que acontece na cena da vida conjugal”.

Os tópicos a seguir são uma visão panorâmica dos oito capítulos do livro de Cantares; será um olhar expositivo e, como disse, fazendo articulação do Capítulo I, no argumento central ali exposto: a mulher é o consciente do inconsciente do homem. Desta forma, neste Capítulo III, o argumento central gira em torno de: “*eu sou do meu amado e meu amado é meu*”, sendo, pois, o homem o desejo consciente da mulher, e vice-versa.

### **CASAMENTO É UM PERMANENTE NAMORO: COMO NARDO DERRAMADO**

Há muita reclamação, sobretudo, por parte das mulheres, quanto ao sentido de namoro na vida de casado. Isto é preocu-

---

41      Disciplina que estuda a expressividade duma língua, i. e., a sua capacidade de sugestionar e emocionar mediante determinados processos e efeitos de estilo. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 6.0.** ©2009 by Regis Ltda. Verbete estilística.

pante, e me incluo. A quantidade de tiradas humorística sobre atitudes antes e depois do casamento, beiram o desconforto, pelo menos a mim. Esforço-me, motivo aos casais que façam o mesmo, buscando todos os meios possíveis para que a vida de casados seja sempre um permanente namoro. O casamento deve ser sempre uma permanente expressão de namoro. Defino casamento como o namoro onde é permitido ter sexo.

Para mim, há dois signos, a partir do contexto de Cantares – a mais bela canção de amor –, que qualificam o casamento como *um namoro permanente*.

Primeiro, é a imagem do beijo: “*beija-me o meu amado com os beijos da tua boca, pois seus afagos são melhores do que o vinho mais nobre*” (Cantares 1:2). A imagem da relação do beijo com o vinho mais nobre vai na direção de “perder o sentido”. Muito bem! O teu beijo me arrebatava os sentidos, fico fora de mim, inebriado, quando intensamente te beijo. Enlevar-se, extasiar-se, arrebatarse: “*Tenho prazer em sentar-me à sua sombra e o seu fruto é doce ao paladar como o damasco*” (Cantares 2:3, KJA). Aqui, em 2:3, tem-se mais duas imagens maravilhosas que nos mostra a dimensão narrativa do contexto na inserção do casamento: Sombra e fruto. A sombra fala de abrigo, e o fruto, naturalmente, de sustento. Temos aí, um relacionamento que tem abrigo e sustento. E não estou a pensar em aspectos de divisão de papéis meramente. Sombra e fruto, abrigo e sustento numa ação recíproca na dinâmica do relacionamento conjugal. O marido é sombra e fruto para esposa, e a esposa é abrigo e sustento para o esposo. Mas, no contexto que estou abordando, o que continua em evidência é o beijo, a boca. E assim, ainda olhando para 2:3, o que me chama atenção é a forma definida “*o seu fruto é doce ao paladar como o damasco*”. Para percebermos a importância

do damasco no contexto desta citação, pelo menos requer o mínimo de informação. Os antigos já sabiam da importância do damasco para a saúde, especialmente, em Israel. Para se ter uma ideia o damasco é muito rico, pois contém magnésio, potássio, fósforo, ferro, vitaminas A, C, K, B3, B9 e B5 e outros nutrientes.

O damasco é aqui, então, uma imagem de saúde no relacionamento conjugal. O *“ten fruto”* fala das ações, a forma de tratar o relacionamento. O fruto está vinculado à sombra, a sombra é do damasqueiro; dado que seria um contrassenso a sombra ser projetada por uma árvore e o fruto por outra. Sombra e fruto vêm da mesma fonte. Por fim: *“A tua mulher (o teu marido) será como a videira frutífera aos lados da tua casa; os teus filhos como plantas de oliveira à roda da tua mesa”* (Salmos 128:3).

Penso que quando um casal deixa de beijar-se, provavelmente, tem-se aí um sinal de alerta que as coisas não vão bem! Como se sabe, o ato de beijar combina três sentidos: tato, olfato e paladar. Agora observe, se cada um destes sentidos já é poderoso, imagine os três juntos? Por isto diz o cântico:

- O beijo deve ser intenso, profundo, expressando a vida de quem ama: *“Os teus lábios gotejam a doçura dos favos de mel, minha amada noiva; leite e mel estão debaixo da tua língua...”* (Cantares 4:11);

- O beijo deve produzir sensações que somente a alma de quem ama e é amado pode fazer a descrição: *“Sua boca é a própria doçura. Ele é todo uma delícia! Assim é o meu amado, meu irmão e amigo, ó filhas de Jerusalém!”* (Cantares 5:16).

- O beijo deve fazer emergir as sensações mais secretas da alma: *“e os teus beijos como o bom vinho para o meu amado, que se bebe suavemente, e se escoia pelos lábios e dentes”* (Cantares 7:9).

## CASAMENTO É O LUGAR DE EXPRESSÃO LITÚRGICA: O CORPO

A admiração de Adão ao ver Eva pela primeira vez, além do que já abordei até aqui, tem ainda, ao meu ver, a dimensão corporal. O tema “corpo” está presente em todas as ciências, sob as mais diversas perspectivas. Na perspectiva bíblica, o corpo também assume um lugar de destaque. Embora, por exemplo, o apóstolo Paulo não tenha sistematizado intencionalmente uma Teologia do Corpo, ele estabelece um olhar especial em relação ao assunto, ficando claro a existência de elementos suficientes para se pensar uma Teologia do Corpo. Penso que um dos pontos chave quanto ao corpo nos escritos do apóstolo Paulo, é quando ele faz alusão metafórica do corpo como templo do Espírito Santo (1 Coríntios 6:19).

O corpo não é uma coisa fora da realidade da pessoa, é a dimensão física do que é a pessoa na sua integralidade. No contexto bíblico, o corpo é lugar de expressão do relacionamento espiritual do homem com Deus; e portanto, o casamento é o lugar de autenticação da pertença conjugal (1 Coríntios 7:4). E, ao pensar esta dimensão de relacionamento, no contexto do casamento, é que faço uso da imagem do processo litúrgico. Quando o cônjuge se coloca diante do outro como “*servo*”, tomando por pano de fundo todas as nuances bíblicas deste termo, especialmente, o que nos ensinou o Senhor Jesus Cristo (Marcos 10:45). Portanto, olhar litúrgico, no contexto do casamento, a partir do corpo, é construir um lugar de celebração onde o casal encontra a sua conexão com o mundo da transcendência, ao pôr-se diante do parceiro: “*carne da minha carne, osso dos meus ossos*” (Gênesis 2:23).



No texto de Cantares, a dimensão do corpo, a forma tangível onde o amar expressa a sua dimensão verbal, portanto, onde o ato encontra aderência, se faz revelar em diversas expressões, onde a corporeidade assume a visibilidade do amor. No corpo há um chamado para um direcionamento, para um **levantar-se**: “O meu amado fala e me diz: Levanta-te, meu amor, formosa minha, e vem” (Cânticos 2:10); no corpo há um chamado para um cultivar, fazer, **colher**: “O meu amado desceu ao seu jardim, aos canteiros de bálsamo, para apascentar nos jardins e para colher os lírios” (Cânticos 6:2).

Por isto, a amada faz da descrição do corpo do amado, a sua prece mais íntima diante do seu altar do amor, na liturgia da sua devoção, da celebração conjugal (Cânticos 5:11-16). Da mesma forma o amado descreve a sua amada, curvando-se diante da beleza da mesma (Cânticos 7:1-6).

Desta forma, ao pensar em corpo, o meu direcionamento não vai no sentido que é posto em torno da chamada “cultura do corpo”, sobretudo, nos aspectos que estão cercados por um hedonismo inconsequente; o meu olhar vai no sentido de entender o corpo como um lugar de encontro com o outro, homem e mulher, macho e fêmea. Lugar da sublimação, da admiração. Não estou falando do corpo como “escultura”, estou falando do corpo como “escritura”. Lugar onde o parceiro possa fazer a sua leitura; leitura do seu chamamento, do seu endereçamento. Não estamos pensando no corpo como músculos, estamos pensando no corpo como lugar de realização: “*Eu sou do meu amado, e o seu amor é por mim*” (Cânticos 7:10); e ainda: “*Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu; ele apascenta entre os lírios*” (Cânticos 6:3). Por isto, o corpo aqui vai além da padronização pela cultura do consumo da ima-

gem. Não nego a realidade, e em certo sentido, a importância da imagem corporal, todavia, falando do lugar que venho falando, a imagem não é determinante! A imagem é um dos muitos valores que devem ser agregados a todos os valores que hominizam a pessoa.

### CASAMENTO É O LUGAR DE APOTEOSE: PORQUE ALI TE DAREI O MEU AMOR

“Volta Sulamita! Volta por favor! Retorna para que possamos contemplar teu esplendor!” (Cantares 6:13). Como comentei no tópico “Casamento como lugar sem vestígio” (páginas 68-76), a Sulamita voltou porque, no essencial do apelo dos amigos da amada, é posto como referencial a delicadeza da descrição do amado quanto ao esplendor da amada. Ela volta porque consegue ouvir a voz do amado, porque consegue ver o rosto do amado.

Ao voltar, ela quer celebrar o seu amor em um lugar diferente. Ela propõe ao amado nos seguintes termos:

*Vem, ó amado meu, saiamos ao campo, passemos as noites nas aldeias. Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas, vejamos se florescem as vides, se estão abertas as suas flores, e se as romanzeiras já estão em flor; **ali te darei o meu amor**. As mandrágoras exalam perfume, e às nossas portas há toda sorte de excelentes frutos, novos e velhos; eu os guardei para ti, ó meu amado (Cânticos 7:11-13).*

Gosto do texto da King James:

*Vem, pois, meu amado, retiremo-nos para o campo primaveril,*

*passemos a noite nos povoados. Logo ao alvorecer partiremos para as vinhas, a fim de confirmarmos se já florescem, se os botões estão se abrindo, se as romeiras vão florindo; **ali eu te darei todo o meu amor.** As mandrágoras, os jasmims que aumentam o desejo de amar nas mulheres, já exalam o seu perfume, e à nossa porta há todo tipo de frutos excelentes, secos e frescos, que reservei somente para ti, ó meu amado, meu desejo!*

Este texto é lindo! Requer atenção às entrelinhas para perceber a sua poesia, para perceber este “*lugar diferente*” onde a Sulamita quer celebrar com o amado da sua alma.

- Amor, vamos para a casa de campo, só nós dois. Sem empregados, sem ninguém. Só eu e você! Vamos?

- Oh, querida! Não sei não, viu?

- Vamos amor, por favor!

- Meu bem, tenho tantas coisas para resolver aqui, você sabe disto!

- Eu sei, mas, olha, olha pela janela. Já é primavera!

O amado esboça um pequeno sorriso, de quase sim, mas ainda demonstra resistência. Mas, a mulher sensual é aquela que sabe perceber pequenos detalhes, pequenas oportunidades para gerar grandes acontecimentos no seu casamento.

Ela, usando as mãos como um regente usa a sua batuta, gesticula, e tenta convencê-lo não só com as palavras, como com o movimento do seu corpo, a quem ele faz reverência como um pecador arrependido diante do altar.

- Realmente, a primavera é linda.

- Vamos, então?

- Ahhh!

- Não faz isto – diz a amada com um sorriso escancarado, deixando o amado inebriado.

- O que vamos fazer lá?

- Temos tantas coisas para fazer, amor!

- Por exemplo?

- Logo ao alvorecer partiremos para as vinhas, a fim de confirmarmos se já florescem, se os botões estão se abrindo, se as romeiras vão florindo.

- Mas, amor, podemos fazer aqui mesmo, aos arredores do palácio.

Ela, fazendo do seu jeito de ser uma forma sublime de revelar além do visível, aproxima-se do amado, afaga a cabeça, beija-lhe a fronte, com suavidade faz carinho na sua face, com mais um beijo, na boca, fazendo-lhe o corpo estremecer, pois beija-o fazendo do seu amado, o seu Desejo. Olhando-lhe com delicadeza, coloca a boca junto a sua orelha, dando pequenas mordidelas no lóbulo (da orelha) e impostando sensualidade diz, como se o seu hálito exalasse o aroma do seu corpo:

**- Ali eu te darei todo o meu amor.**

E como que solfejando do mais fundo da sua alma, diz:

- *“Como és belo, ó meu querido! Como és amável! Ah, como és encantador. A relva verde será o nosso leito de amor”* (Cantares 1:16).  
Numa daquelas noites, eles fizeram amor ao ar livre!

Esta é uma cena possível! Uma cena que qualquer casal pode produzir a partir do Desejo que se existencializa. O Desejo é posto no amado, o Desejo é pessoalizado. A amada abre-se, fazendo o seu cheiro exalar pelo *ambiente* do seu amado; o cheiro do seu sexo latejante se faz sentir no corpo do seu ser:

“as mandrágoras, os jasmims que aumentam o desejo de amar nas mulheres, já exalam o seu perfume”.

Mas, aí vem as perguntas para nos acalantar ou inquietar: como você tem conquistado o (a) teu (tua) amado(a)? Qual a *Primavera* que tens mostrado para quem dizes amar? Ou apenas, e sempre, tens mostrado tormentas em temporais emocionais, fazendo com que o relacionamento naufrague em temperamentos incontroláveis?

Tenho dito, nas muitas palestras para casais que tenho realizado, que não respondo em público perguntas sobre sexo no seu aspecto de querer saber se isto pode ou não pode, se isto é pecado ou não é. Sobre isto há muitos “*ensina-dores*” (alguns se autodefinem como terapeutas de casais) que assume o lugar do suposto saber e dizem, assumindo a responsabilidade pela ação das pessoas, o que e como as pessoas devem viver a sua vida sexual, sobretudo.

Tenho a clara impressão que no ambiente de igreja, muitas pessoas estão querendo que alguém, especialmente aquele que se propõe a estar numa posição de ensino, quer em ministrações presenciais, quer por meio da literatura, assinem uma procuração em branco, para daí elas assumirem algumas posições de desejo em que o direcionamento da responsabilidade das ações e, conseqüentemente, dos resultados, sejam do outro (que disse faça assim e assim).

É claro que há, a partir de um cabedal de instrumentos, que sustentam na habilidade e competência profissional, onde é possível realizar um trabalho de orientação. Todavia, isto deve ser feito com todo rigor profissional, resguardo da ética deontológica.

Por outro lado, também tenho real noção que, no cam-



# 4

## A MULHER FOI FEITA PARA FICAR EM CASA

[O seu valor excede o de rubi]

A cada dia fico mais convencido que a pós-modernidade tem transformado as fêmeas em apenas mulheres, numa mera posição de gênero. Sei que este tipo de afirmação provoca inquietações indescritíveis. Então, estas inquietações já são, por si só, a prova da afirmação. Não estou dizendo que as mulheres devam ser apenas ouvintes petrificadas. De forma alguma. Estou falando a partir da observação de comportamentos desconcertantes. No trânsito de qualquer cidade, por exemplo, que era um espaço animalizado somente por homens, hoje é um espaço em que as barbáries são praticadas, de igual modo, por homens e mulheres. Não estou dizendo que somente os homens devam cometer barbáries no trânsito, ninguém deve fazer isto; nem tão pouco estou dizendo que as mulheres devam ser vistas como um ser indefeso, eternamente metafóricas como flores. De forma alguma. Estou pensando que,

## MULHER FOI FEITA PARA FICAR EM CASA PORQUE JUSTIFICA A CRIAÇÃO DO HOMEM

“*Conhece-se o seu marido nas portas, quando se assenta entre os anciãos da terra*” (Provérbios 31:23). Sobre esta proposição falei no decorrer do livro quando vou costurando a questão da coespecificidade. Mostro que, Adão, antes de Eva, é o único ser criado que é “único”, e único no sentido de solidão, por ausência de um ser em que ele pudesse identificar-se a Si mesmo enquanto espécie. Falei que o relacionamento se estrutura fundamentalmente, a partir da projeção do outro no elemento da coespecificidade, no que se caracteriza como relacionamento conjugal; falei ainda que é o movimento do homem no mundo, por meio da sua liberdade que o conduz a Deus para percebê-lo na sua condição de ser impessoal: não havia ninguém igual a ele. Adão não tinha a referência da coespecificidade, por isto, ele era impessoal; disse ainda que só haverá percepção do outro – o retorno do percebido – se for por meio do outro diferente de mim na coespecificidade. É na coespecificidade onde a “*carne da minha carne e osso dos meus ossos*” toma forma, tem sentido.

Portanto, sem o outro diferente de si, na coespecificidade, Adão não se achava como ser pessoal; ele era, mas não se achava como tal. Portanto, é deste lugar, e por este lugar, que o sentido de “ficar em casa”<sup>53</sup> se estabelece, onde a mulher vem para justificar a criação do homem, a fim de que este possa assumir-se

---

53 Pense sempre na dimensão simbólica; pois, a rigor, não estou falando de um “ficar em casa” ou um “ausentar-se de casa” de forma literal. A base da construção do pensamento é sobre o simbólico, mas, como já dito, o simbólico só pode ser lido a partir da realidade existente, ou seja, do objeto literal. Assim, a pessoa (homens e mulheres) precisam entender o que significa ficar ou ausentar-se de casa no seu sentido físico e geográfico, para poder entender a dimensão simbólica deste ficar ou deste ausentar-se.

ficação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, **é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem**<sup>54</sup>. Sobre isto, diz Imanishi<sup>55</sup>: “Assim como o bebê, pouco consciente de si, já se reconhece no espelho, Lacan se refere a um eu anterior à linguagem, um eu ainda não simbolizado, mas que já está captado em uma imagem”. Adão é um “bebê racional” que já se reconhece como pessoa, mas não vê a Si-Mesmo, e este não ver a Si-Mesmo impossibilita Adão de simbolizar-se de forma efetiva, pois ainda não está capturado em uma imagem semelhante a Si. Só quando Eva vem, é que ele pôde simbolizar efetivamente, capturando a imagem projetada por Eva: *“carne da minha carne, osso dos meus ossos”*.

## MULHER FOI FEITA PARA FICAR EM CASA PORQUE É ADJUTORA E IDÔNEA

*“Abre a sua boca com sabedoria, e o ensino da benevolência está na sua língua”* (Provérbios 31:26). É na junção das palavras adjutora e idônea, onde o sentido se amplifica. Eva vem para ajudar, não é para competir, tão pouco servir, no sentido de submissão. Mas, é o termo idôneo que estabelece sentido a adjutora. Idôneo: “Próprio para alguma coisa; conveniente, adequado; 2. Que tem condições para

54 Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: J. Lacan, Escritos. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966). O negrito é meu.

55 IMANISHI, Helena Amstalden. A metáfora na teoria lacaniana: o estádio do espelho. Boletim de Psicologia, v. 58, n. 129, p. 133-145, 2008.



Adjutora e idoneidade: trabalho, fora e dentro de casa. Eis aí o sentido de “ficar em casa”; assim, há mulheres que mesmo estando em casa estão ausentes, e há mulheres que mesmo trabalhando fora estão em casa. Então, você sabe ficar em casa? Porque a mulher foi feita para ficar em casa.

## MULHER FOI FEITA PARA FICAR EM CASA, PORQUE É OSSO

Enquanto escrevia este livro, sabendo das possíveis reações, coloquei o seguinte rasgo no meu perfil no Facebook: “Atenção: não é ‘ossos dos meus ossos’... é ‘osso dos meus ossos’ (Gênesis 2:23). Entenderam? A mulher é osso...”. Dá para imaginar os comentários! Logo, alguém completou: “duro de roer, kkkk”; mas, o que me chamou atenção são os comentários que vão no sentido que estabelece a competição. Houve um comentário que diz: “Bem dito! Matéria prima de muito melhor qualidade do que pó da terra. Rsr...”. De cara, naturalmente, levamos tudo como se fosse um bom momento de humor. De fato, penso que sim. Mas, não totalmente. Penso que há aí um tipo de percepção interiorizada que resulta da mensagem do mundo pós-moderno que afirma que as mulheres DEVEM ser iguais aos homens EM TUDO; menos em uma: quanto à qualidade, elas devem ser superiores, e, para observar isto, basta ver o tom e teor dos comerciais de televisão que apresentam vícios de comparação entre homens e mulheres.

Acredito, defendo e ensino que, as mulheres são iguais aos homens no trato, respeito, honra, equidade, enfim, tudo aquilo que deve ser dirigido à PESSOA, que deve preservar a sua integridade física, profissional, psicológica e espiritual; todavia,

ria: uma oportunidade. Eva não “conhecia” a serpente, como Adão conhecia, afinal foi ele quem colocou nome nela. Eva estava na hora errada e no lugar errado quando foi abordada.

Então! Ainda bem que Deus, ao criar Eva, não usou osso de uma Cachorra, de uma Vaca, de uma Jumenta, de uma Anta. Se tivesse usado, talvez a mulher tivesse melhor qualidade que o homem; ou não, talvez fosse pior, pois poderia ter essência de uma Cachorra, de uma Vaca, de uma Jumenta, de uma Anta, com qualidade racional. Imaginem? Se bem...! Deus, na Sua infinita sabedoria, toma o objeto existente. Eu disse anteriormente que Eva foi formada a partir do “ser já existente”. Ela já vem com o “fôlego da vida”, não foi preciso receber este sopro, pois recebe por extensão o que já existia nele. Isto é maravilhoso.

Então, se me perguntassem, em que eu resumiria a mulher como osso, como seria? Em duas questões apenas: primeiro, capacidade para suportar a dor; segundo, capacidade para ser dona de casa, mãe e esposa. “Muitas mulheres têm procedido virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas” (Provérbios 31:29).

## **MULHER FOI FEITA PARA FICAR EM CASA, PORQUE NELA SEXO É SEXUALIDADE**

*“Enganosa é a graça, e vã é a formosura; mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada”* (Provérbios 31:30). Nenhum tema mobiliza tanto as pessoas, para o bem ou para o mal, quanto a questão do amor, do sexo, da morte. Penso que, por conta disto, amor, sexo e morte sejam temas tão recorrentes nas ciências, sobretudo, nas sociais e na saúde, especialmente, neste caso, a questão do sexo.

Assim, amor e ódio, sexualidade e agressividade, vida e morte são mais que eventos, são como forças que perpassam a condição existencial do ser humano, caracterizando-o com um grau de particularidade muito especial. Como por exemplo, a questão da simbolização, tanto para a morte como para o sexo. No sexo, por exemplo, ainda que consumido como produto, como no caso da prostituição profissional, há aí um grau de simbolização. Portanto, estas dinâmicas constituintes da condição de ser humano, estão amalgamadas à esta condição em todo que o ser humano faz e sente. O crente não foge desta realidade. Ao crente é posto uma condição especial, visto que responde (pelo menos deveria) do lugar que se configura como espiritual.

Portanto, é neste sentido que afirmo esta proposição: *“Mulher foi feita para ficar em casa, porque nela sexo é sexualidade”*. Eu disse no subtópico “ele sexo, ela sexualidade” (páginas 41-XX), que em Eva, o sexo de Adão, assume estatuto de sexualidade, ou seja, é Eva quem dá sentido de sexualidade ao sexo de Adão. Nela, o sexo assume o sentido de sexualidade; e agora acrescento dizendo que, nesta perspectiva a sexualidade é elemento da espiritualidade. Isto mesmo: sexualidade é elemento de espiritualidade. Não é meu foco fazer uma exposição histórica desta relação – sexualidade e espiritualidade – vista nas mais diversas tradições religiosas, sobretudo, nas orientais. É lamentável que na tradição judaico-cristã a relação entre sexualidade e espiritualidade tenha sido vista por uma perspectiva um tanto pessimista. Ainda não tenho uma opinião fundamentada para tentar dizer qual foi ou tem sido o motivo pelo qual, tal pessimismo se instalou. Mas, tenho uma forte impressão que seja uma concepção equivocada, que o pecado



## QUIÇÁ, UMA CONCLUSÃO

O que dizer? Poucas coisas, aliás, pouquíssimas coisas. Primeiro, que este é um assunto que não se esgota, pelo contrário, ele está em permanente transformação. Segundo, considerando ser um assunto inesgotável e que se transforma sempre, procurar fazer estas leituras é o fundamental.

Mas, sobretudo, fazer uma leitura sobre o relacionamento conjugal não olhando para este lugar como se ele fosse um mero produto de consumo, de forma alguma, pois seria transformar o relacionamento insuportável. Penso que há um fator determinante, neste sentido: de que lugar lemos no nosso relacionamento conjugal? Quais as motivações, quais os referenciais, quais as fontes?

Em larga medida, há diferença entre uma mulher e uma mulher; bem como entre um homem e um homem, mas sobretudo, entre um homem e uma mulher! Quanto a diferença entre



## SOBRE O AUTOR

Casado com Suely Ribeiro, sem filhos segundo os desígnios do Eterno, depois de três lutos. Converteu-se ao evangelho em julho de 1984, em fevereiro de 1986, foi para Recife-PE estudar Teologia como aluno interno, onde obteve graduação de Bacharel em Teologia (Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste -1991). Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior Religioso (Seminário de Educação Cristã – Recife, 1999). Convalidação: Instituto Superior de Juiz de Fora (2006). Pós-graduado (especialização) em Bioética (Universidade Federal de Lavras – MG, 2007). Psicólogo (Centro Universitário Jorge Amado, Salvador - BA, 2009).

Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Prática. Atuando principalmente nos seguintes temas: família, morte, luto, educação, avaliação, educação à distância, bioética. Mestre em Temas de Psicologia - Especialidade

Família - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto – Portugal, onde morou por três anos e meio, no desenvolvimento da dissertação do Mestrado que teve como tema: “Famílias brasileiras em Missões transculturais: uma análise intrafamiliar na escolha em ser família missionária”, e que se vincula ao Projeto NEAPEM ([www.neapem.com.br](http://www.neapem.com.br)).

Temas de grande interesse: Missões, Hermenêutica, Conjugalidade, Relações Institucionais, Morte, Educação e Saúde Mental relacionada a Psicologia da Religião.

Atua na Clínica Psicológica em Consultório Particular. Idealizador e Gestor do Projeto NEAPEM ([www.neapem.com.br](http://www.neapem.com.br)). Website: [www.frankribeiro.com.br](http://www.frankribeiro.com.br). Publicou os livros: “Dízimos e Ofertas: Conceitos e Reflexão”, “Abraão: O Construtor de Altares”; e o “Ato Terapêutico: Igreja como Lugar de Cura” – Livro I da Série “Atos da Igreja Por Uma Eclesiologia Humana”.

## FALE COM O AUTOR

prfrankribeiro@gmail.com



prfrankribeiro



prfrankribeiro





## OUTRAS OBRAS DA EDITORA

### **Juventude que Prevalece**

Sobre caminhos, escolhas, atalhos & trilhas

*Eneas Francisco*

### **Eu versus Deus**

um conflito de ideias

*Ivo Mariano*

### **Um Espaço Chamado Castidade**

Uma mensagem para mulheres solteiras sobre Deus,  
sexo e relacionamentos

*Ivy Julease Newman*

### **Ser bom o bastante não é bom o bastante**

a maravilhosa graça de Deus

*Jack Cottrell*

### **Minha confissão: prostrado ao pé da cruz**

*Chris Buscher*

### **Juventude que Prevalece 2: as túnicas de José**

*Eneas Francisco*

**Hashtag Fé:** um Evangelho poderoso nas mãos  
de uma geração distraída

*Chris Buscher*

### **O Reino de Deus: de volta à vida abundante**

*Enéas Ribeiro*

## **VOCÊ TAMBÉM PODE PUBLICAR SEU LIVRO COM A UPBOOKS!**



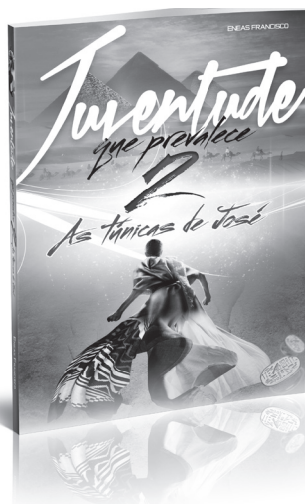
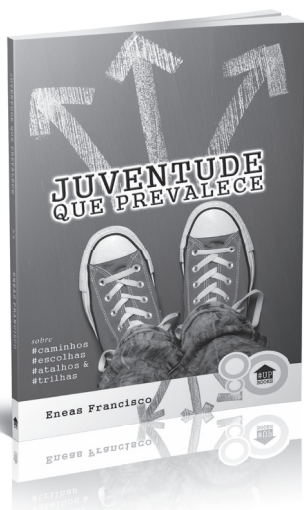
Entre em contato e descubra como  
compartilhar sua mensagem!

(19) 3843-6389 ou 9 8287-2935

[www.upbooks.net.br](http://www.upbooks.net.br)

[contato@upbooks.net.br](mailto:contato@upbooks.net.br)

# CONHEÇA A SÉRIE JUVENTUDE QUE PREVALECE



**e-book grátis**

[www.juventudequeprevalece.com/  
livrogratis](http://www.juventudequeprevalece.com/livrogratis)

**Descubra seu pleno potencial em Cristo!**

[www.juventudequeprevalece.com](http://www.juventudequeprevalece.com)



juventudequeprevalece

Visite nossa loja

**[www.upbooks.com.br](http://www.upbooks.com.br)**

Esta obra foi composta em *Garamond* e impressa por  
Imprensa da Fé sobre papel Lux Cream 70g/m<sup>2</sup>  
para Casa Publicadora Bereana.